



BATISTA, F. E. A. “Um belo dia resolvi mudar”: análise do discurso de empoderamento feminino na música Eduardo e Mônica. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. [www.falangemiuda.com].

“UM BELO DIA RESOLVI MUDAR”

ANÁLISE DO DISCURSO DE EMPODERAMENTO FEMININO NA MÚSICA EDUARDO E MÔNICA

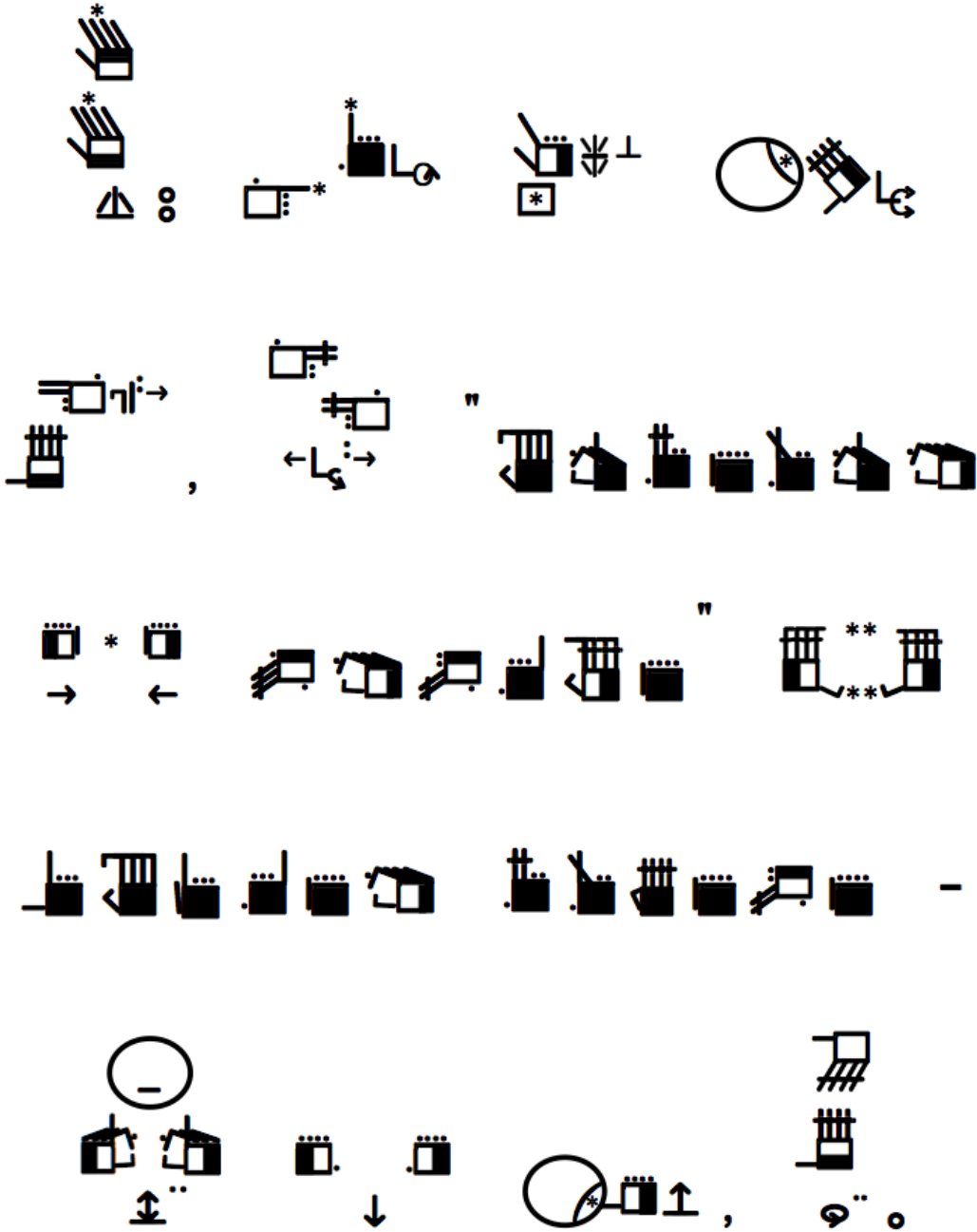
Fabiano Eloy Atílio Batista¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compreender e analisar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, a intertextualidade entre a música “Eduardo e Mônica” da banda Legião Urbana, e o discurso de empoderamento feminino. Buscar-se refletir a cerca das significações em relação aos conflitos de gêneros e as mudanças ocorridas dentro desse contexto, onde a mulher é colocada em papel destaque dentro da narrativa musical.

Palavras-chave: Gênero. Análise do Discurso. Empoderamento Feminino.

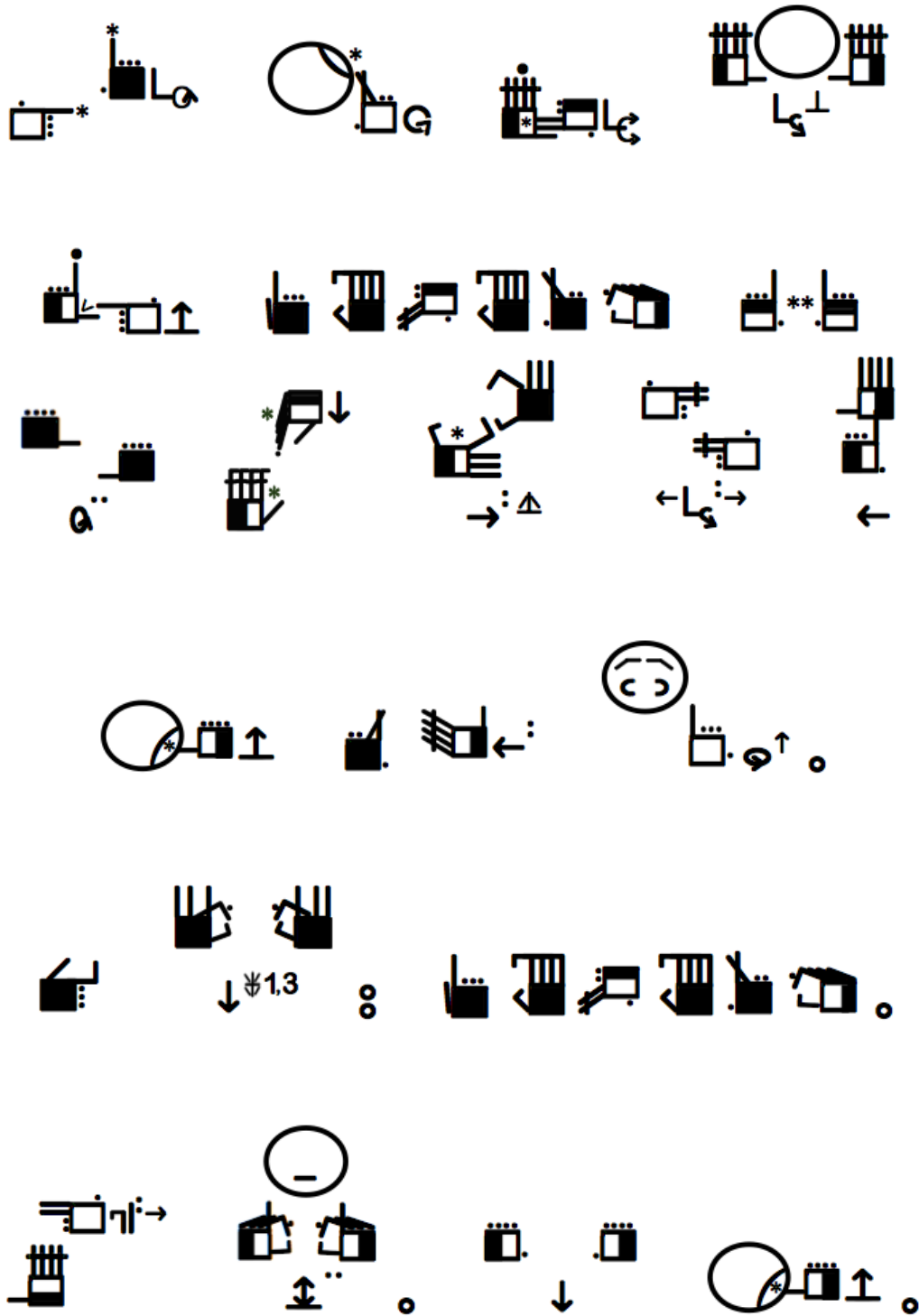
¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. fabiano_jfmg@hotmail.com







Secção Estudos de Língua





1 INTRODUÇÃO

É possível que as diferenças biológicas entre os corpos masculinos e femininos, tomando como parâmetro as genitálias e as formas de seus corpos, tenham sido a primeira diversidade percebida entre os seres humanos (SENKEVICS e POLIDORO 2012). Durante o percurso histórico, nem todas as civilizações perceberam e interpretaram as relações entre os indivíduos (homens e mulheres) da mesma maneira, segundo Strey (2002, p. 59), os indivíduos “encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de inter-relações sociais”. Desta maneira, a constituição da personalidade do ser humano é constituída, segundo Savoia (1989, p. 54), “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos”.

O papel da mulher durante o decorrer histórico passou, e vem passando, por significativas mudanças no que tange a seu papel na sociedade e na sua vida privada (PINTO, 2003).

Este estudo visa trabalhar com as noções inerentes aos conceitos de gêneros e enfatizar as conquistas feministas, considerando que por mais elaborada que seja uma pesquisa nesse campo ainda seria delimitadora, uma vez que, esses conceitos ainda estão em um contínuo fluxo de movimento e vem sofrendo constantes mudanças e transformações.

Buscar-se com esta pesquisa, analisar restritamente os discursos presentes na música Eduardo e Mônica (1986) da banda Legião Urbana, como forma de demonstrar que a mulher vem reafirmando cada vez mais seu lugar na sociedade e possui, de fato, um lugar de destaque que durante longos anos lhe foram tirado e/ou restringido de direito, buscando assim uma intertextualidade² com o empoderamento feminino.

As considerações de gênero e de empoderamento feminino que se pretende abordar estarão ligadas diretamente à história dos movimentos feminista, que propõe a equidade nas relações entre mulheres e homens através da modificação de valores, de costumes e condutas humanas como enfatiza a autora SCOTT (1995).

² “A intertextualidade pode ser definida então como uma característica do discurso, este entendido como unidade comunicativa, que consiste em uma relação de dependência com outros discursos ou classes de discurso, em um jogo intencional entre o emissor e os destinatários de uma mensagem que contribuem ao discurso. Esta intencionalidade se dá por meio da inferência e da dedução de conteúdos implícitos - uma leitura adicional que soma à informação proposicional. Pode ser uma citação literal, uma insinuação a uma convenção social, uma homenagem a um filme ou a um gênero fílmico, o uso oculto ou expresso de outros tipos de discurso, em resumo, uma piscadela que o emissor dirige ao receptor (RIBARIC, 2011, p. 44)”.





2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Empoderamento feminino: breves abordagens

Desde a década de 30 as mulheres inseridas aos movimentos feministas ³ vêm se mobilizando e se questionando a respeito da privilegiação masculina, dito por BOURDIEU (1999) e SCOOT (1995) como “androcentrismo” ⁴.

Os conflitos pela igualdade de gêneros de mulheres e homens não é um assunto recente, mas foi a partir das militâncias feministas, no meados século XX, que obtiveram voz com os considerados movimentos de contra cultura. “Porém, as formulações de gênero que tiveram impacto na teoria social foram elaboradas a partir do pensamento feminista, na década de 1970.” (PISCITELLI, p.125, 2009). A participação social feminina, durante a história foi colocada como segundo plano, para que assim pudesse viver em prol da família como Rago nos apresenta segundo as proposições científicas do século XIX.

Segundo os ensinamentos de Augusto Comte (...) a mulher deveria se restringir ao seu “espaço natural”, o lar, evitando toda sorte de contato e atividades que pudesse atraí-las para o mundo público. A medicina fundamentava essas concepções em bases científicas, mostrando que o crânio feminino, assim como toda a sua constituição biológica, fixava o destino da mulher: ser mãe e viver no lar, abnegadamente cuidando da família. Muitos repetiam convictos os argumentos do médico italiano Cesare Lombroso: “O amor da mulher pelo homem não é um sentimento de origem sexual, mas uma forma destes devotamentos que se desenvolvem entre um ser inferior e um ser superior. (RAGO, 1997, p. 592).

³ Faz-se necessária uma leitura complementar do livro ‘Uma história do feminismo no Brasil’, da autora Céli Regina Jardim Pinto; onde a mesma destaca o ativismo das mulheres na luta por seus direitos.

⁴ Tratado por Bourdieu em seu livro “A dominação masculina”, onde o mesmo refere-se a essa dominação masculina como uma forma particular de violência simbólica. É a concepção que visa supervalorizar o pensamento masculino – ou seja, um pensamento cercado de pensamentos conservadores e moralistas. Noções essas que nos remetem também a obra de Joan Scott.





A autora ainda aborda como o papel feminino era pensado de acordo com teorias cientistas vigente a época, colando como as mulheres eram vistas caso as mesmas assumissem uma jornada de trabalho.

Muitos acreditavam [...] que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixavam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além de que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (RAGO, 1997, p. 585).

A Revolução Industrial se iniciou na Inglaterra no século XVIII e teve como característica um conjunto de modificações econômicas e sociais que induziram ao aceleração do crescimento (HOBBSAWM, 2000). Com ela, a força feminina foi absorvida pelas fábricas e, a partir daí, começou-se uma busca por melhores qualidades de trabalho, de acesso à cultura e de equidade entre os sexos. Embora, no Brasil, a industrialização se deu início na segunda metade do século XIX, com a implantação de fábricas têxteis e no setor alimentício. Mas, as operarias ainda encontravam diversas dificuldades como afirma Rago.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como naturalmente masculino. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um bom partido para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões. (RAGO, 1997, p. 581 e 582).

Ainda que sutilmente, no Brasil, os movimentos feministas tiveram uma significativa participação nas lutas contra o regime militar, e com o passar dos anos, foi se estruturando como uma importante força político-social. Inicialmente, é necessário ponderar que o mais admirável no





combate ao patriarcalismo⁵ é o empoderamento das mulheres e de todos os que se preocupam em relação à luta feminina contra a disparidade de gênero. Mas torna-se necessário reconhecer que, o machismo⁶ (umas das opressões mais arraigadas e mais antigas que conhecemos em nossa sociedade), ainda não desapareceu, apenas encontrou subterfúgios mais sutis para sua manifestação tornando-se assim casa vez mais invisíveis dentro da sociedade.

O feminismo [...] é a luta para tornar mais móveis, fluidos e transformáveis, os meios pelos quais o sujeito feminino é produzido e representado. É a luta para se produzir um futuro, no qual as forças se alinham de maneira fundamentalmente diferente do passado e do presente. Essa luta não é uma luta de sujeitos para serem reconhecidos e valorizados, para serem ou serem vistos, para ser o que eles são, mas uma luta para mobilizar e transformar a posição das mulheres, o alinhamento das forças que constituem aquela identidade e posição, aquela estratificação que se estabiliza como um lugar e uma identidade. (GROSZ *apud* RAGO, 2004, p. 38).

Para que seja desarraigado o patriarcado das bases da nossa composição social, foi, e é necessária uma revolução cultural, política e social, afim de que em prol do fim da exploração feminina, faz-se necessária a promoção do protagonismo da mulher, assim como vemos hoje na política, nos meios de comunicação, nas empresas, nas universidades entre outros lugares antes ditos de exclusividade hegemônica masculina.

Durante o percurso histórico, a história foi contada sob a perspectiva dos homens, e não das mulheres, mesmo essas tendo forte influência. O movimento feminista veio para empoderar o gênero feminino e alocar no lugar da sua própria narrativa, porém ao contrapor a dita hegemonia masculina, o movimento foi de contra o sistema de uma época, refutando assim valores, costumes e padrões, conquistando desta maneira diversos opositores.

Assim como outros conceitos levaram inúmeros questionamentos quando introduzidos aos estudos inerentes às mulheres, o empoderamento também trouxe muitas indagações, algumas ainda sem respostas. Devemos ter a noção de que, o termo e empregado com significações

⁵O Patriarcalismo tem como definição ideológica a supremacia do homem nas relações sociais. O termo Patriarcalismo é oriundo de Patriarcado, que, por sua vez, tem origem na palavra grega *pater*. A lógica patriarcalista estabeleceu o poder de uma autoridade masculina sobre seus "subordinados" (familiares empregados ou aspectos políticos de uma organização social).

⁶ Termo comumente associado a homens com valores mais tradicionais. É um conceito que se baseia na supervalorização das características físicas e culturais associadas com o sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao sexo feminino, pela crença de que homens são superiores às mulheres.





distintas de acordo com cada área do conhecimento. Cabe então, destacar algumas definições que se fazem pertinentes dentro deste contexto. Inicialmente empoderamento é considerado como “a expansão nas habilidades das pessoas para fazerem escolhas estratégicas de vida em um contexto em que essa habilidade foi previamente negada” (MALHORTA et al., 2002, p.6). Também é apresentado como “(...) um processo através do qual o agente desempoderado ganha controle sobre as circunstâncias de suas vidas” (PRESSER et al., 2000, p.18). O empoderamento, qualquer que seja sua definição, entretanto traz em suas diretrizes duas condições para que uma determinada pessoa seja considerada empoderada, a primeira é que esta tenha acesso ao conhecimento obtido através da educação, e em seguida que possua recursos econômicos. (PRESSER et al., 2000). Diretrizes essas alcançadas pelo movimento feminista.

Vale ressaltar que a desconstrução do sexismo⁷, não acarreta automaticamente sua ruína como enfatiza Rago (2004). Faz necessário, observar os estigmas⁸ que sobrecarregam sobre a palavra feminismo, comumente usadas para designar mulheres frustradas, com vidas sexuais ruins e equiparando-as aos homens.

Percebe-se então que ainda nos dias de hoje há uma preocupante negatização do movimento feminista, recebendo frequentemente conotações pejorativas e discriminatórias. Considerado por muitos como um movimento arcaico e inútil, como se já tivessem adquirido tudo que aspiravam; essa percepção do feminismo, em parte, se baseia numa naturalização das conquistas feministas tais como: o direito ao voto, a educação, ao divórcio, entre outras conquistas que simplesmente foram esquecidas, como se fossem antigas. Lamentavelmente não. Apesar de ser alvo de uma opressão histórica, somente há pouco tempo à mulher conseguiu ter voz, apesar de muitos ainda serem oprimidas.

2.2. Gênero: breves explicações

Ao serem discutidos aspectos relacionados às questões de gênero, faz-se necessário uma separação objetiva das definições inerentes a essa temática, a saber: gênero e sexo. Por sexo, compreende-se a associação ao quadro biológico de nascimento do indivíduo, desta forma, homens

⁷ Atitude de discriminação fundamentada no sexo.

⁸ O estigma é comumente definido como um atributo psicológico ou físico, aparente ou não, que está relacionado a uma marca social de vergonha, depreciando o indivíduo no convívio social (GOFFMAN, 1988).





ou mulheres, por sua vez, refere-se restritamente aos órgãos genitais e suas funções biológicas (NUNES e SILVA; 2000). Neste contexto o gênero é constituído de uma abordagem mais ampla referente às questões de desigualdade entre mulheres e homens dentro de uma construção social constituída e moldada culturalmente, tendo como variante o tempo e o espaço (SCOTT, 1995).

Com as conquistas e as lutas dos movimentos feministas, os estudiosos deram uma nova significação à palavra Gênero. O termo que desde o século XV era comumente usado para designar um conjunto de atributos comuns, que caracterizam um dado grupo social ou classe de seres ou objetos, passou por uma significativa mudança. Aplicando essa designação no contexto homem e mulher, observa-se que até então o gênero masculino era instituído como um conjunto de indivíduos que possuíam características comuns entre si; e o gênero feminino como outros com determinadas características.

Observe-se que a concepção de masculino e de feminino, em muitas culturas, tomou como evidência as diferenças biológicas e corporais e, a estas foi anexado às diferenças psicológicas. As mulheres foram consideradas como seres definidos pela natureza, e, por isso, eram-lhes imposto os papéis de cônjuges e mães. Com isso, o movimento feminista realizou uma crítica de tais entendimentos e reestruturou o significado de gênero embasando-se em estudos e pesquisas.

Diante disso podemos inferir que o gênero não é regulado em uma questão de masculino ou feminino, mas sim pensado como um processo histórico-social, onde os indivíduos são moldados a assumirem papéis de acordo com seus referidos sexos. Sendo assim Joan Scott enfatiza que o:

[...] “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens (...). Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. (SCOTT, 1995, p. 75).





O papel de homens e mulheres é arquitetado desde antes de sua concepção quando a família, abarcados de suas expectativas, definem os universos das crianças de acordo com um poder de materiais simbólicos⁹ que desenham uma construção de comportamentos.

O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas ideias acerca do que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente; isto é: quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbolicamente concatenado (HEILBORN, 1995).

Após o nascimento, esse simbolismo se apresenta na forma de delimitação, onde os mesmo receberão durante todo o percurso de vida informações do que a sociedade espera desses indivíduos, por exemplo: as meninas são condicionadas a serem sensíveis, frágeis e todo o universo infantil das brincadeiras são condicionadas a reforçar estereótipos acerca dos serviços domésticos (“brincar” de casinha e de comidinha) e de cuidados dos filhos (“brincar” de bonecas); ao contrário, os meninos são impulsionados a serem fortes e valentes e não demonstrarem sentimentos, suas brincadeiras também repletas de simbolismos são construídas com uma conotação de superioridade, força, controle e poder. Observa-se então que, os brinquedos simulam elementos de práticas sociais (PETERS, 2000). Bujes entende que:

[...] o brinquedo e de forma correlata as brincadeiras, enquanto manifestação da cultura vivida, estão envolvidos no processo de produção e imposição de significados. Isto significa dizer que a cultura, está eivada de relações de poder que pretendem conduzir o processo de representação (BUJES, 2004, p.206).

Para Bujes:

É, portanto, a cultura que nos permite dar significado ao objeto brinquedo, atribuir-lhe um sentido. E a construção do seu significado se faz no âmbito das práticas discursivas, da linguagem. As representações de brinquedo, preexistentes, num determinado universo cultural terão, portanto, sobre crianças e adultos um forte papel modulador nos significados que estes mesmos sujeitos passam a atribuir a tais objetos (BUJES, 2004, p. 211).

⁹ BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: A economia das trocas simbólicas. (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974. Destaca que o poder simbólico surge como todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida.





Deste modo, os brinquedos estão mergulhados num universo cultural de relações sociais e de poder, e são aparelhos frutuosos de análise de representações. Então, os brinquedos imprimem conteúdos simbólicos determinados pela sociedade da qual fazem parte.

Os brinquedos são ditos por Roland Barthes (1993, p.53) como “microcosmo do mundo adulto” e suas relações estão embrincadas de significados. Sendo esses significados inteiramente socializador, estabelecida pelos mitos ou pelas técnicas da vida adulta. Pondera-se então que, as relações de gêneros são fruto de um processo psicopedagógico que se inicia antes mesmo do nascimento e percorre ao longo de toda vida dos indivíduos, reforçando assim uma desigualdade ainda existente entre mulheres e homens, destacando principalmente em relação a: sexualidade, a reprodução, a divisão sexual do trabalho e nas questões de âmbito público e de cidadania.

3 ANÁLISE DO DISCURSO: TEORIA E MÉTODO PARA COMPREENSÃO DO CORPUS

Para que seja, compreensível os discursos aos quais nos propusemos analisar, faz-se necessária uma análise qualitativa dos dados. A análise do discurso (daqui em diante AD) funciona então, como um indicador da realidade social e também como uma forma de recriar essa realidade. Tomando como objeto da AD, observa-se que o discurso, não é a língua, nem o texto, nem a fala, mas os usam como elementos para que se possa obter uma existência material para a análise (PÊCHEUX 2011). Diz-se então que o discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e não estritamente na linguística. Fazer referência a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são articuladas (FERNANDES, 2005, p. 20).

A AD tem como ponto de partida a publicação de Michel Pêcheux intitulada Análise Automática do Discurso (1969), no final da década de 60. Porém, o primeiro a utilizar a expressão “*Discourse analysis*” foi Harris (1952), que pode ser traduzido para o português como análise do Discurso ou Análise de Discurso. De acordo com Charaudeau “Pela primeira vez na história a totalidade dos enunciados de uma sociedade, apreendida na multiplicidade de seus gêneros, é convocada a se tornar objeto de estudo” (CHARAUDEAU et al.; 2004, p. 46).

A AD partilha da transdisciplinaridade juntamente com a história, a psicanálise e a linguística para a peripécia de uma análise não estrutural. Apareceu na confluência desses três campos do saber. De tal modo vale ressaltar que “é no discurso, precisamente, que se concentram,





se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito" (INDURSKY et al., 2005, p. 13).

Sendo assim, PÊCHEUX (2011) enfatiza que o nascimento da AD foi presidido por uma “tríplice aliança”, sendo elas: 1) uma hipótese da história para elucidar os acontecimentos das formações sociais; 2) uma hipótese da linguística para esclarecer os métodos de enunciação; e por fim, 3) uma hipótese do sujeito para esclarecer a subjetividade e a analogia do sujeito com o simbólico, sendo assim uma disciplina transdisciplinar.

Sendo assim observamos que a AD é uma forma linguística que ultrapassa os limites da sentença, onde podemos extrair informações tanto verbais quanto extraverbais.

4 ANÁLISE LETRA MUSICADA: DISCURSÕES

Sem dúvida, Renato Russo ¹⁰ era um excelente compositor, músico e letrista. Em sua trajetória escreveu verdadeiras obras de artes contendo muita personalidade. A seguir analisaremos a letra musicada Eduardo e Mônica, do álbum “Dois” da banda Legião Urbana, de 1986, onde observaremos as questões pertinentes aos gêneros presentes no decorrer da composição. A figura de Mônica (feminina) é abordada com maestria e deixando a figura de Eduardo (masculina) em segundo plano e por vezes com uma inferioridade, tendo assim uma inversão de valores, que mesmo com o decorrer histórico, ainda continua embrincado em nossa sociedade no que tange o que é ser Homem e o que é se Mulher. Analisaremos então a seguir a letra da música.

4.1 Análise 01

A letra musicada se constitui com o relato das contradições entre os gêneros masculinos e femininos, contestando uma postura infantilizada e imatura de Eduardo sendo nos apresentado

¹⁰ Renato Russo, nome artístico de Renato Manfredini Júnior (Rio de Janeiro, 27 de março de 1960 — Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1996), foi um cantor e compositor brasileiro, célebre por ter sido o vocalista e fundador da banda de rock Legião Urbana. Legião Urbana é uma banda brasileira de rock que surgiu em Brasília. Ativa entre 1982 e 1996, a banda foi desfeita após a morte do seu vocalista e líder, Renato Russo, em 11 de outubro de 1996.





como o gênero masculino em contra partida ao perfil maduro e “descolado” de Mônica apresentando assim como o gênero feminino como se observa no verso seguinte: “Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar / Ficou deitado e viu que horas eram”/ “Enquanto Mônica tomava um conhaque / no outro canto da cidade, como eles disseram” (RUSSO, 1986, s/p).

Pondera-se ainda nesse trecho acima que Eduardo é colocado como uma pessoa ociosa e apática. Observa-se que Mônica recebe uma imagem de mulher charmosa e forte associando ao fato de em plena manhã estar tomando um conhaque, tendo em vista que, beber e frequentar bares é tido como domínio masculino.

4.2 Análise 02

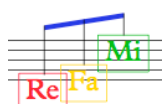
“Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer / E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer / Um carinha do cursinho do Eduardo que disse: “Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir”. Festa estranha, com gente esquisita / “Eu não tô legal”, não aguento mais birita” (RUSSO, 1986, s/p).

De acordo com o verso exposto acima, Eduardo seguindo um conselho de um amigo, a fim de impressionar Mônica a convida para irem a uma festa, e acaba arrependendo-se, afinal não era um ambiente que o mesmo tinha o costume de frequentar, com festas e bebidas, sendo esboçado assim uma personalidade frágil e imatura da figura masculina.

Mônica claramente mais experiente debochava do primeiro “porre” do jovem rapaz, como se refere no trecho a seguir: “E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais / Sobre o boyzinho que tentava impressionar” (RUSSO, 1986, s/p).

Salienta-se que o termo “boyzinho”, utilizando o sufixo “inho” caracterizando um rebaixamento do sujeito, que não se identificava com o universo descontraído ao qual Mônica se encontra com total domínio.

4.3 Análise 03





“E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa / ‘É quase duas, eu vou me ferra”. / “Eduardo e Mônica trocaram telefone / Depois telefonaram e decidiram se encontra / O Eduardo sugeriu uma lanchonete / Mas a Mônica queria ver o filme do Godard”./ Se encontraram então no parque da cidade / A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo” (RUSSO, 1986, s/p).

Neste verso é demonstrado mais uma vez a imaturidade de Eduardo, colando ele submisso a alguém, que não iria entender ele chegar à casa de madrugada e ainda por cima alcoolizado, onde mesmo seria censurado. Apesar de todo o ensejo, os protagonistas resolvem se encontrar novamente, Eduardo mais simples queria algo numa lanchonete, até mesmo por não ter subsídios para convidar Mônica para um lugar mais requintado, pois o mesmo não trabalhava. Contudo, Mônica sugeriu um filme do cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard, demonstrando assim uma intelectualidade é um domínio das artes. Entretanto se observa que decidiram então se encontrar em um parque, se observa que Mônica foi ao encontro de Eduardo de moto, meio de locomoção dito por muitos como perigoso e designado para os homens, em contra partida, Eduardo vai ao encontro de bicicleta, demonstrando assim uma inversão de papéis no que tange as questões de fragilidade e até mesmo de questões monetárias e uma emancipação, autonomia e poder de compra do gênero feminino.

Análise 04

“Eduardo e Mônica eram nada parecidos / Ela era de Leão e ele tinha dezesseis / Ela fazia Medicina e falava alemão / E ele ainda nas aulinhas de inglês / Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus, Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud / E o Eduardo gostava de novela /E jogava futebol de botão com seu avô / Ela falava coisas sobre o Planalto Central / Também magia e meditação / E o Eduardo ainda tava no esquema / Escola, cinema, clube, televisão” (RUSSO, 1986, s/p).

Neste trecho observamos nitidamente que Mônica e Eduardo eram opostos, ela era uma leonina (Signo que se remete ao animal leão: forte, feroz, dominador), intensa e autônoma, tinha





uma disposição para fazer várias coisas, era perspicaz, há citações sobre os poetas Manuel Bandeira, Arthur Rimbaud, o compositor e cantor Caetano Veloso e os grupo Bauhaus e os Mutantes de Rita Lee, enfatizando quão ligada a cultura era Mônica, em contra ponto, Eduardo um eminente romancista, e, o fato dele jogar futebol de botão com o avô só confirma que ele era caseiro, trazendo uma aproximação para com a família, já Mônica tinha a mente mais aberta. Observamos também aqui uma inversão de valores, pois novela e ficar em casa no seio da família eram tidos como características femininas tratadas aqui como um comportamento masculino.

4.5 Análise 05

“E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente / Uma vontade de se ver / E os dois se encontravam todo dia / E a vontade crescia como tinha de ser / Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia, teatro, artesanato, e foram viajar / A Mônica explicava pro Eduardo coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar / Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer e decidiu trabalhar (não!) / E ela se formou no mesmo mês / Que ele passou no vestibular / E os dois comemoraram juntos / E também brigaram juntos, muitas vezes depois / E todo mundo diz que ele completa ela / E vice-versa, que nem feijão com arroz” (RUSSO, 1986, s/p).

Observa-se neste trecho que durante o decorrer musical Eduardo foi mudando aos poucos, foi amadurecendo graças a Mônica, um melhoramento físico e intelectual, que se não fosse por ela, não aconteceria tão cedo. Vemos então a mulher tendo um papel de destaque a ponto de influenciar as atitudes masculinas.

“Só que nessas férias, não vão viajar / Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação” (RUSSO, 1986, s/p).

Encerrando-se a música, observamos que o casal não iria realizar uma viagem, pois, o filho do Eduardo estava de recuperação, neste trecho verificamos uma culpabilização recaindo sobre Eduardo, sendo reforçado no trecho “*filhinho do Eduardo*”, retirando assim a questão da educação e cuidado com os filhos de ser um papel restringido a mãe.





5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher no decorrer do contexto histórico ficou, por bastante tempo, em segundo plano. A história sempre foi contada e escrita por homens, enfatizando deste modo suas supremacias nas reações de gênero.

Entretanto, se observar que o papel da mulher dentro da sociedade vem passando por significativas mudanças. Elas vêm, significativamente, conquistando seus espaços na sociedade. Embora ainda existam algumas disparidades inerentes das relações entre homens e mulheres, como salários desiguais, jornada dupla de trabalho exercida pela mulher dentre outras.

A música nos apresenta um relato significativo da reestruturação do papel da mulher, nos mostrando que as mesmas possuem sim um lugar de destaque na trama social, e por diversas vezes com papéis de destaques.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **Mitologias**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUJES, M. **Crianças e brinquedo: Feitos um para o outro?** In: *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Org. COSTA, M. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2004.
- CHARAUDEAU, P. MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução Fabiana Komesu (et al.) São Paulo: Contexto, 2004.
- FERNANDES, C. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HEILBORN, M. L.; SORJ, B. (1999), Estudos de Gênero no Brasil. In: **O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. Sociologia (Volume II). São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1995.
- HOBBSAWM, E. J. **Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Clara Luz, 2005.





MALHORTA, A.; SCHULER, S. R.; BOENDER, C. **Measuring women's empowerment as a variable in international development.** Background paper prepared for the World Bank workshop on poverty and gender: new perspectives. Final version: June,28,2002.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo.** Campinas, SP: Autores associados, 2000.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso: Michel Pêcheux.** Textos selecionados: Gri Orlandi. 2 edição, Campinas, SP. Pontes Editora, 2011.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINTO, C. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo. Perseu Abramo 2003. Coleção História do povo brasileiro. P.85-105

PISCITELLI, A. **Gênero: a história de um conceito.** In: Diferenças, Igualdade. Heloísa Buarque de Almeida, José Eduardo Swako (orgs.) - São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

PRESSER, B. H.; GITA S. **Women's empowerment and demographic process: moving beyond Cairo.** Oxford University Press: Oxford, 2000.

RAGO, M. **Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos.** In: Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

RAGO, M. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.

RIBARIC, M. E. A Estética do consumo na intertextualidade entre cinema e publicidade fílmica. In: **Revista Ação Midiática: Estudos em Comunicação Sociedade e Cultura.** Universidade Federal do Paraná. Vol. I. No 1. Ano 2011.

RUSSO, R. **Eduardo e Mônica.** Intérprete: Renato Russo. In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

SAVOIA, M. G. **Psicologia social.** São Paulo: McGraw-Hill, 1989

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Educação & realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, 1995.

SENKEVICS, A. S.; POLIDORO, J. Z. **Corpo, gênero e ciência:** na interface entre biologia e sociedade. In: Revista da Biologia (2012) 9(1) : 16-21. Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/180-Senkevics&Polidoro.pdf>. Acessado em 7/06/2016

STREY, M. N. (Org.). **Psicologia Social Contemporânea.** 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Recebido em 10 de agosto

Aprovado em 15 de agosto





Sobre o autor:

Fabiano Eloy Atílio Batista



Graduado em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá, na cidade de Juiz de Fora. Pós-Graduado em Moda, Cultura de Moda e Arte, no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-Graduado em Televisão, Cinema e Mídias Digitais, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cursando o Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica – nível Mestrado, no departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, desenvolvendo atividades na linha de pesquisa: Trabalho, Consumo e Cultura. Membro do grupo de pesquisa Gênero, Trabalho e Consumo atuando em pesquisas relacionadas à mídia e a corporalidade. Possui interesse nas áreas de Moda, Mídia, Corporalidade, Gênero, Consumo, Envelhecimento e afins.

fabiano_jfmg@hotmail.com; fabiano.batista@ufv.com.br ;

